

COLÓQUIO MODOS DE FAZER, MODOS DE SER: PRÁTICAS ARTÍSTICAS NA E COM A ANTROPOLOGIA

MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA | 9 - 10 DE MARÇO

QUINTA-FEIRA | 9 DE MARÇO

9.00 - 9.30 | Encontro para registo

9.30 - 10.00 | Sessão de abertura

Paulo Costa (Director MNE), Antónia de Pedroso Lima (Presidente do CRIA), Catarina Alves Costa (CRIA/FCSH) e Teresa Fradique (CRIA/ESAD.CR)

10.00 | Auditório \\ Conferência

Remediating Ethnographic collections: Video art and the postcolonial museum
Steffen Köhn

This presentation explores the potential of representational practices derived from contemporary video art for the postcolonial ethnographic museum display. How can the work with moving images transform the role of the museum and change its consumerist imperative? How can documentary modes of representation explore the "toxicity" of objects that have been violently appropriated during colonial times and convey the meaning of their absence in their countries of origin? How can moving images bring these objects back to life? I want to engage with these urgent questions by presenting examples from artist-curator collaborations at the Humboldt Lab, an interdisciplinary research project that accompanied the planning process for Berlin's newly constructed ethnographic museum at the heart of the Humboldtforum. Housed in the rebuilt Berlin City Palace, this is one of the biggest and most prestigious ethnographic museum projects of recent years and thus has provoked intense debates around the provenance of objects and the challenges of a postcolonial museum practice.

Steffen Köhn. Researcher, Program Coordinator M.A. Visual and Media Anthropology, Institute for Social and Cultural Anthropology, Freie Universität Berlin. Studied Social Anthropology and Film studies in Mainz and Berlin and film directing at the German Film- and Television Academy (dfbb). His PhD thesis "Mediating Mobility - Visual Anthropology in the Age of Migration" was awarded with the price of the Sulzmann Foundation and was published as a book in 2016 with Wallflower, the film imprint of Columbia University Press. Besides his academic works he directs documentary films and video installation that are screened internationally in festivals, galleries and museum spaces.

11.30 - 11.45 // Pausa

11.45 Auditório \\ Painel 1: Experiências de contaminação

Moderadora: Teresa Fradique

Os Periscópios Etnográficos, Experiência e percepção no trabalho colaborativo entre antropólogos e artistas

Phillip Cabau e Fernando Poeiras

Um espaço que nos últimos anos vem adquirindo uma presença cada vez maior entre as novas gerações de antropólogos e artistas plásticos é aquele que incide, simultaneamente, sobre *experiência artística* e *análise etnográfica*.

É da natureza das fronteiras elas suscitarem novas problemáticas. Uma fronteira, contudo, não é apenas um muro por cima do qual espreitamos, mas um espaço de convocação de experiências distintas, ao mesmo tempo semelhantes e díspares – e a cujas representações só podemos aceder a partir da reinvenção da nossa própria história. Como qualquer atenção sobre o outro tem sempre origem numa prática de atenção sobre si mesmo, tentar aceder à experiência do outro e aos seus modos de percepção consiste, sobretudo, num esforço de clarificação da nossa própria experiência. Isto sabe-o tanto o antropólogo como o artista. O presente texto tenta pensar as formas de encontro dessas experiências, suas potencialidades e armadilhas.

Philip Cabau é autor de diversos livros – *Design pelo Desenho* (Ed.Lidel), *O Dispositivo Desenho* e *O Desenho Apr(e)endido* (ambos das Edições ESAD.cr) – tendo ainda editado e apresentado publicamente vários textos à volta do tema do desenho, nomeadamente sobre o seu ensino no contexto de área profissionais distintas. É arquiteto, doutorado e professor na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha (IPL) e integra, desde 2000, a Direção do [Ar.co](#) (Centro de Arte e Comunicação Visual). Paralelamente ao percurso docente e ensaístico foi autor de diversos projetos de arquitetura, cenografia, desenho de exposições e mobiliário.

Fernando Poeiras é doutorado em Design (FAUL) e investiga sobre arte, design e cultura contemporânea (LIDA). É professor do ensino superior desde 1993, e na esad.cr (Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha) desde 2000; para além disso trabalhou como consultor de imagem e comunicação de várias empresa, e como publicitário. É ainda o coordenador do grupo de investigação PAR da esad.cr.

Boa antropóloga e má artista vs. boa artista e má antropóloga - outra configuração é possível? Frustração e conflitos identitários de uma antropóloga artista.

Catarina Barata

Numa primeira abordagem, a investigação antropológica e a prática artística parecem sofrer de diferenças de base irreconciliáveis. Onde uma analisa, a outra cristaliza. Onde uma desconstrói, a outra sintetiza. O rigor e a abrangência exigidos pela disciplina científica parecem, à primeira vista, contraditórios com a subjetividade e a particularidade que constituem a obra artística. No trabalho artístico-científico, a frustração é um sentimento que muitas vezes acompanha os antropólogos, constantemente divididos entre as limitações impostas pela obrigação de fidelidade descritiva da realidade e a criatividade licenciada pela exploração das potencialidades expressivas das ferramentas artísticas. O velho problema da representação facilmente assume contornos específicos em questões relacionadas com imagem e exibição, ou com autoria, no caso de projetos participativos. Partindo da experiência no projeto MO para a criação do Museu de Odemira, pretende-se refletir acerca das limitações e potencialidades da criação artística como método de trabalho em antropologia. As dúvidas, os processos, os resultados, o desafio, a emoção, a comoção, todos são constitutivos do exercício exploratório do cientista artista, por vezes interiormente dividido por identidades divergentes, outras vezes multiplamente empoderado pela convergência das mesmas, mas sempre na tentativa de conseguir o melhor de dois mundos – sem ter, de preferência, o pior de nenhum deles.

Catarina Barata (ICS-UL e NAVA-CRIA) é licenciada em Antropologia (ISCTEUIUL), pós-graduada em Estudos de Música Popular (FCSH-UNL) e mestre em Cinema (ESTC-IPL), com uma dissertação acerca

de dança em cinema. Fez estágio em Média Digitais no University of Texas Documentary Center, EUA (2009), e estágio PEPAL em Antropologia no Município de Odemira (2012). Integrou a equipa do Projeto MO para a criação do Museu de Odemira, enquanto este durou (2012-2013). Desde 2006, tem colaborado com diversos criadores em Portugal e no estrangeiro nas áreas do documentário, da ficção, do cinema experimental e da criação para palco. Tradutora de Esloveno, revisora de texto, colaboradora do projeto de educação pela arte Miragem!, com programação de Madalena Victorino, é Doutoranda em Antropologia pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa, na área de Antropologia da Saúde, com um projeto de investigação acerca de perceções e representações de experiências de violência obstétrica em Portugal, com utilização de metodologias artísticas na recolha de dados e divulgação de resultados de pesquisa.

Etnoteatro: variações metodológicas entre a etnografia e a investigação baseada no teatro

Ricardo Seça Salgado

O etnoteatro relaciona métodos etnográficos (é um modo alternativo de observação participante) e metodologias teatrais ou coreográficas. Trata-se de uma forma de dramatizar observações e argumentos sobre a vida pessoal, social e cultural dos (e com os) interlocutores em determinado contexto e pode ser, simultaneamente, objeto e metodologia da prática da etnografia que se faz nesse mesmo contexto, aliando recolha, interpretação e análise com investigação-ação.

O objetivo do etnoteatro é investigar uma faceta particular da condição humana com o propósito de adaptar essas observações e conhecimento a uma performance estética. É uma dialogia performativa do encontro que vai para além do que é refletido na realidade social, para passar a resultar numa ação reflexiva partilhada no terreno da investigação e que descreve um tipo particular de prática etnográfica e uma sensibilidade pertinente para as técnicas de estar e ser na observação participante, devolvendo aos interlocutores o produto dessa reflexividade, uma força que emana da troca. Propomos pensar a qualidade dos dados etnográficos a partir das várias variações metodológicas impostas pelo controlo das metodologias teatrais e etnográficas envolvidas e que revolucionam a noção etnográfica de entrevista; de entrada no campo; dos papéis que o investigador pode acionar no terreno; das expectativas dos interlocutores; da forma como as notas de campo se replicam em textos, imagens, performances; de como os modos de registo e a documentação se replica e metamorfoseia; ou, ainda, de como se expandem os limites das várias técnicas de observação participante em contextos que, pela sua natureza intrínseca, se vedam múltiplas formas de acesso (como numa prisão).

Ricardo Seça Salgado é antropólogo e performer de formação. Investigador integrado no CRIA-UM, realiza um pós-doutoramento como bolseiro da FCT. A sua área de intervenção é a antropologia, a política, as artes performativas e a educação. Recentemente explora a contaminação entre a etnografia e as metodologias teatrais na perspetiva de ensaiar ferramentas novas para colocar ao serviço de investigações-ação. Doutorado em Antropologia (2012) no IUL-ISCTE, na área de educação, faz uso das lentes dos estudos de performance (*visiting scholar* na Tisch School of Arts, NYU, 2009). É autor de vários textos para conferências, revistas especializadas, exposições, edições fotográficas, performances teatrais. Deu aulas na ESTAL e é cofundador do grupo de investigadores e artistas baldio | estudos de performance. Como performer tem formação avançada em várias metodologias (método de suzuki, viewpoints, actor-Studio, *commedia dell'Arte*, clown) e trabalhou com vários encenadores em variadas produções. É diretor artístico do projecto BUI! onde realiza as suas performances interdisciplinares e fez um documentário intitulado *Estado de Excepção*. CITAC: *projecto etnohistórico (1956-1978)*.

A experiência do campo e a experiência do filme: vivendo e manuseando meshworks

Rodrigo Lacerda

O cinema observacional e, em especial o filme etnográfico, tem sido principalmente pensado como instrumento de representação de culturas. Contudo, nas últimas duas décadas, a redescoberta da fenomenologia na antropologia e estudos fílmicos reactivou o interesse por aspectos mais inefáveis do ser, como o corpo, a sensorialidade, a vivência do espaço, etc. Nesta apresentação quero reflectir, a partir de alguns documentários realizados por mim, sobre o modo como a experiência em campo e a experiência dos meus interlocutores influenciaram a construção dos filmes. Em primeiro lugar, este processo decorre da vivência em campo que inclui imponderáveis e contingências, mas também espaços, iluminação e pessoas que determinam a produção. Em segundo lugar, advogo que o realizador deve reflectir durante o campo e no momento de rever as filmagens sobre o que a experiência lhe transmitiu e que aspectos fenomenológicos deve (e/ou consegue) manusear na montagem. Por fim, amplio esta reflexão a alguns filmes indígenas co-produzidos no Brasil pela ONG Vídeo nas Aldeias e proponho que estamos perante um cinema relacional que reflecte o modo preferencial dos povos Tupi de conhecer o mundo através do discurso directo. Em suma, apesar de não me alongar nas clássicas discussões sobre autoria, defendo que o filme deve ser compreendido como um meshwork (Ingold, 2011) em que o realizador manuseia a construção de uma realidade que, contudo, se encontra imersa numa malha de “coisas” fluidas e permeáveis que constituem os fluxos relacionados com a vida e o meio ambiente.

Rodrigo Lacerda estudou cinema e televisão na London Metropolitan University e National Film and Television School, no Reino Unido. Co-realizou, com Rita Alcaire, os documentários *Filhos do Tédio* (2006), *O Pessoal do Pico Toma Conta Disso* (2010), *Um Quarto no Éter* (2011), *Filarmónicas da Ilha Preta* (2011) e, em co-produção com a RTP, *Das 9 às 5* (2011). A título individual, realizou *Pelos Trilhos do Andarilho - Ao Encontro de Ernesto Veiga de Oliveira* (2010) e *Thierry* (2012). Trabalhou na área da pós-produção para cinema e publicidade no Reino Unido e Portugal, colaborou regularmente com associações culturais relacionadas com as artes performativas e música e leccionou nas áreas do cinema e vídeo. Cursou o mestrado em Antropologia, especialização Culturas Visuais, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Actualmente, está a realizar o doutoramento em Antropologia na mesma faculdade sobre as relações entre património e cinema indígena no Brasil.

Biblioteca \ Painel 2: Epistemologias do Corpo

(lotação limitada a 60 lugares)

Moderador: Frédéric Vidal

Cancros de 8 mulheres sobre papel: estórias e objetos da doença entre palavra falada, arte e ciência escrita

Susana de Noronha

Esta comunicação apresenta os resultados da terceira parte de uma trilogia de investigação sobre a arte e a cultura material do cancro. As suas linhas, escritas e desenhadas entre mulheres, (re)misturando antropologia e arte, completam e dão uso às duas primeiras investigações, entendendo a arte como um acrescento de experiência, conhecimento e ação, o cancro como uma doença modular, uma montagem que também inclui coisas, e os objetos de cultura material como pedaços de doença, realidades encastradas nessa soma (Noronha, 2009, 2015). Aproveitando os conceitos já desenvolvidos, ajudo a contar as estórias dos nove cancros de oito mulheres portuguesas do meu círculo relacional, arrumando os acontecimentos e objetos apontados pelas suas palavras. Desenhou-se um exercício transdisciplinar e intersubjetivo na compreensão destes cancros, anulando separações entre experiência, antropologia e arte, retirando os sentidos corporais, o desenho, a pintura, a fotografia e a imaginação da condição marginal de meios acessórios, usando-os numa mistura indivisa, como matérias, recursos, instrumentos, métodos e saberes centrais à investigação em ciência social. Este exercício metodológico, feito naquilo a que chamo a “terceira metade das coisas e do conhecimento”, resultou num “texto com coisas dentro”, misturando pedaços de cancro entre corpos, sensações, emoções, ideias, gestos, palavra dita, escrita criativa, etnografia e ilustração científica. Textos e

séries de imagens, feitas em desenho, pintura e fotografia, resultam de uma construção criativa e coletiva entre mim e as oito mulheres, partindo das suas narrativas de doença, dando forma, sentido e um uso público às experiências dos seus tumores malignos.

Susana de Noronha é antropóloga, investigadora pós-doutoral no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e bolseira de investigação da Fundação Para a Ciência e a Tecnologia, Portugal. É autora do livro premiado *A Tinta, a Mariposa e a Metástase: a arte como experiência, conhecimento e ação sobre o cancro da mama*, publicado em 2009 pelas Edições Afrontamento. O seu segundo livro, *Objetos feitos de cancro: mulheres, cultura material e doença nas estórias da arte*, foi publicado em 2015 pelas Edições Almedina. Desenvolve a quarta parte de uma investigação (2016-2019) em torno dos encaixes entre arte, cultura material e doença oncológica, o seu campo de trabalho desde 2005. Em 2007 venceu em ex aequo o “Prémio CES Para Jovens Cientistas Sociais de Língua Oficial Portuguesa” e em 2003 o “Prémio Bernardino Machado” de Antropologia para a/o aluna/o com a classificação final mais elevada na licenciatura da Universidade de Coimbra. Enquanto fazedora de textos, é também letrista, com trabalho publicado em três álbuns, um EP e quatro coletâneas.

“For a status of art on body suspension”. An art-based workshop as experimental ethnographical tool

Federica Manfredi

The present paper aims to illustrate an experimental methodology in a transnational anthropological research, which constitute a work-in-progress for my doctoral project at ICS in Lisbon. This tool, created to adapt ethnographical methods to a specific fieldwork on body suspension, consists in an artistic workshop proposed to body performers in order to express their carnal experience. Participants have been invited to create handcrafts in a cooperative process with the ethnographer during the Italian fieldwork in 2016 and the same inquiring strategy will be proposed to Norwegian and Portuguese performers in the following years of the doctoral project. Thanks to the unconventional language of art, informers were able to go beyond conventional oral narratives to communicate with the ethnographer. Passing through the artistic elaboration of the body experience, informers recovered and represented also carnal aspects of the practice under-evaluated during traditional interviews, translating them in visual, tactile, smell and symbolical inputs. With a manipulation of the ethnographical power, performers chose the most comfortable way to report more relevant emotions of the experience and they decided on which aspect work on, reducing the pressure of ethnographer's questions and their influence. During the interviews that accompanied the artistic workshop, participant showed a peculiar use of their artistic products as precious referent of their testimonies: they paint and sculpture their own symbols of communication in order to enrich their self-representations strategies.

Federica Manfredi completed her Master Degree in Cultural Anthropology and Ethnology at the Turin University (Italy, 2009). She worked on Adivasi rights in Jharkhand (India), producing a short documentary “Adivasi. Ranchi's Invisibles” for Yatra Onlus. After a post-graduation school in Migration, Culture and Psychopathology in Rome at the University of Sacro Cuore (2011), with a research on the “good” death of migrants in Italy, she moved to Switzerland to focus on gender and intergenerational studies in AGRIDEA. Back to Italy, she published the monograph “Volti celati. Un’antropologia sulle tracce del Venerdì Santo di Civitavecchia” (Etruria Arti Grafiche 2014) as independent research on trance status in a local religious contest. Actually she is PhD student at ICS in Lisbon working on an experimental ethnography on body modifications in Europe.

Becoming a tool- a panóptica da coisa, ou 365 dias em Alverca

João Negro

Em 2014, com o intuito de repensar como crio trabalho artístico, candidatei-me ao Mestrado de Artes Plásticas, aplicado a Estudos Críticos e Pedagógicos, na Academia de Artes de Malmo, Universidade de Lund. Durante o 1º ano, o mentor Sarat Maharaj (Goldsmiths) convidou-nos a questionar como conhecimento é produzido e como podem as artes criar uma defesa das humanidades, nos dias de hoje. A minha resposta criativa foi um caso estudo prático auto-etnográfico, de Junho 2014 a Junho 2015, em que participei na formação técnica de soldadura industrial, no Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) de Alverca, um dos subúrbios pós-industriais de Lisboa. Durante esta passagem de tempo, eu mapeei os processos corpo-reais de o que significa aprender um ofício dentro do processo pedagógico oferecido por este IEFP. Soldadura industrial é um ofício que une o passado industrial das duas cidades, Lisboa e Malmo, havendo uma comunidade portuguesa de antigos operários da Lisnave que emigram para a Suécia nos anos 80, para trabalhar no estaleiro Kockums. A duração de um ano, tanto correspondia ao tempo da formação, como inspirado pelo trabalho do artista Tehching Hsieh, que fez performances duracionais de 365 dias, como forma de criar conhecimento através de experiência vivida ao longo desse tempo. Desse conhecimento, deriva a criação de material artístico. O intuito é reduzir ou mesmo anular a distância de observação. O local escolhido para essa performance foi um IEFP (plataforma pedagógica contemporânea de ensino, que muito se fala nos dias de hoje, mas que pouco se sabe como funciona), o de Alverca, que antes da re-estruturação feita pela Troika ao sector público português, era um centro de formação técnica, locais de educação que derivaram das antigas Escolas Industriais iniciadas no Estado Novo. Devido as conseqüentes revoluções industriais, as fábricas necessitavam de sujeitos com maior formação técnica, programas de ensino eram criados através da retirada de aulas com temáticas de humanidades, e do aumento de aulas com temáticas industriais. O trabalho emula a intervenção de artistas construtivistas russos que nos anos 20, intervinham nas fábricas e movimentos operários, com o intuito de criar uma mentalidade mais crítica em relação a sociedade. O conceito de operar como agente duplo serve para ganhar acesso e continuidade na documentação do funcionamento destas instituições.

João Negro. Artista com formação em Ciências Computacionais e Coreografia, cria trabalhos duracionais de performance arte, usando os meios de fotografia, escrita e dança teatro. Selecionado para Jetlag no.2 no Pact Zollverein, pelo Siemens Arts Program, com “the end must go on (or surviving midnight..)”, ganhou o prémio da audiência por “we hope you (or why there are no..)” no Festival Huis a/d Werf. Actualmente encontra-se a completar um MBA em Estudos Críticos e Pedagógicos na Academia de Artes de Malmö, na Suécia.

Cinema e antropologia: Reflexões a partir da experiência de realização de um conjunto de filmes no âmbito de pesquisas em antropologia

Inês Mestre

Alguns autores têm destacado a importância de encararmos a antropologia visual como um campo que requer sistemas comunicativos diferentes dos da antropologia escrita. Ao mesmo tempo, o audiovisual tem sido apontado como um meio que permite aprofundar o conhecimento antropológico, abordando áreas da experiência social que apenas são acessíveis a meios não verbais (entre outros, Grimshaw e Ravetz 2005, MacDougall 2006).

Nos últimos anos realizei um conjunto de filmes no âmbito de pesquisas em antropologia centrados na produção, distribuição e consumo de comidas, e mais especificamente de doces. A atenção ao corpo, ao gesto e ao detalhe é preponderante nestes trabalhos. O diálogo livre com referências cinematográficas várias revelou-se essencial para explorar dimensões importantes da experiência humana ligadas à alimentação, nomeadamente sensoriais e afectivas.

Com base nestas experiências, irei refletir sobre a importância do cinema e do audiovisual no aprofundamento do conhecimento nos estudos da alimentação e na antropologia em geral. Procurarei ainda lançar o debate em torno das implicações destas posições no projeto antropológico.

Inês Mestre. Nasceu em Beja, em 1982. Estudou antropologia e cinema, e atualmente frequenta o doutoramento FCT em Antropologia (FCSH/NOVA e ISCTE-IUL), e desenvolve pesquisa sobre doçaria em Portugal, trabalhando nas áreas da alimentação, património, memória, corpo, sentidos e antropologia

visual. É colaboradora do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, onde integra o Núcleo de Antropologia Visual e da Arte, dedicado ao desenvolvimento dos cruzamentos entre a antropologia e práticas artísticas. Trabalha com regularidade em filmes e vídeos institucionais, nas áreas de realização, pesquisa, produção, captação de som, montagem e distribuição, bem como na produção de mostras, seminários e workshops de cinema. Realizou os filmes *Joaquim Mestre* (2010), *Luiz da Rocha* (2013) e *Maria Helena* (2015). Atualmente está a montar o filme *Confeitaria* e a desenvolver o projeto de filme *O Convento*.

13.15 - 14.15 // Pausa para almoço

14.15 Auditório \\ Painel 3: Suportes de memória e narrativa

Moderador: Humberto Martins

Para uma timeline a haver: genealogias da dança enquanto prática artística em Portugal

Ana Bigotte Vieira

Entre Fevereiro e Junho de 2017, o coreógrafo João dos Santos Martins e eu levaremos a cabo a instalação/exposição PARA UMA TIMELINE A HAVER - genealogias da dança enquanto prática artística em Portugal, na galeria do Teatro Sá da Bandeira, em Santarém. PARA UMA TIMELINE A HAVER, cronologia em construção em várias paredes das galerias do Teatro Sá da Bandeira, é um exercício coletivo de investigação e de sinalização de marcos relativos ao desenvolvimento e disseminação da dança como prática artística em Portugal nos séculos XX e XXI, com especial incidência na segunda metade do século XX. Levado a cabo entre 2016 e 2017 e assumindo o presente como lugar de enunciação, propõe a construção singular de uma série de cronologias para a dança contemporânea em Portugal, relacionando eventos de matriz social, política, cultural, biográfica e artística – sugeridos como significativas por bailarinos, coreógrafos, críticos, técnicos, historiadores, espectadores. Com este exercício trata-se de sinalizar episódios que - influenciando autores, práticas e instituições - foram delineando a história da dança em Portugal, inserindo-os numa perspectiva alargada tanto das transformações pelas quais a sociedade portuguesa passa como do discurso sobre o coreográfico (e o que é ou pode ser a dança como prática artística), de modo a entrever tensões, momentos-chave e episódios emblemáticos. Nesta comunicação gostaríamos de apresentar a proposta, discutindo os modos como este dispositivo performativo provoca e constrói a memória, contribuindo para a elaboração de uma historiografia multivocal.

Ana Bigotte Vieira licenciou-se em História Moderna e Contemporânea (ISCTE). Especializou-se nas áreas da Cultura e Filosofia Contemporâneas (FCSH-UNL), e em Estudos de Teatro (UL). Entre 2009 e 2012 foi Visiting Scholar no Departamento de Performance Studies da New York University. A sua tese de Doutoramento *NO ALEPH, para um olhar sobre o Serviço ACARTE da Fundação Calouste Gulbenkian entre 1984 e 1989* recebeu uma Menção Honrosa em História Contemporânea pela Fundação Mário Soares. Esta investigação incide sobre o papel performativo dos Museus de Arte Moderna, centrando-se nas transformações culturais por que Portugal passa após a entrada na União Europeia – e o modo como estas encontram no corpo um terreno particular de expressão. Investigadora do IFILNOVA, integra o grupo *Cultura, Poder e Identidades* do IHC. É co-fundadora da plataforma baldio | Estudos de Performance, e dramaturgista. Integra a Associação BUALA. Traduziu vários autores, sobretudo de teatro e filosofia, como Pirandello, Agamben e Lazzarato.

Thinking through the processes of producing and curating visual materials in ethnographic research

Alexandra Baixinho

This presentation draws on the visual work developed in the context of my PhD research, on cruise aquamobilities as constitutive and transformative “forces” in contemporary post-industrial port cities. I will reflect on how my own photographic practice has evolved, both in articulation with other methods (like walking) and in response to the challenges created by the field, but also on the diverse roles that researcher-generated images have played across different research stages. Along a multi-sited, sensory, and experimental ethnographic approach through diverse port-cities - with an emphasis in Lisbon, but also encompassing Barcelona, Tilbury, Dover, Bergen/Oslo, and Le Havre – different techniques have been used, including digital pin-hole photography and time-lapse sequences. The resulting visual materials have been useful not only as data/analytic devices, but also as research outputs themselves. Here, with the aim of contributing to further discussion on photographs as research tools and alternative ways of knowing, I will bring empirical examples of evocative, animated, expressive and critical images, highlighting the potentials of stepping beyond documentary photography in social sciences research.

Alexandra Baixinho (Goldsmiths College, University of London) is an Urban Anthropologist with a PhD in Visual Sociology (2016). Her main research interests include sensory and experimental ethnographic approaches to urban spaces, mobilities, and ecosystems, and art-contaminated scientific practices and modes of representation. Her doctoral research was focused on cruise aquamobilities as constitutive and transformative “forces” in post-industrial port cities (particularly in Lisbon).

Disposições visuais e manipulação de objectos: da exposição como ensaio, à escrita de uma tese de doutoramento

Daniela Rodrigues e Ana Gandum

coisas de lá / aqui já está sumindo eu foi uma exposição realizada no Rio de Janeiro (Outubro 2016) baseada em duas investigações académicas distintas em curso, com um universo de pesquisa comum: a circulação de coisas [objectos e fotografias] no contexto transnacional de migrações portuguesas para o Brasil. Incluiu uma publicação em acúmulo e uma instalação visual temporária. Resultou do encontro entre Ana Gandum –historiadora e artista visual – e Daniela Rodrigues – antropóloga e desenhadora. Ana articula processos artísticos e métodos historiográficos e da antropologia para analisar fotografias enviadas como souvenirs na correspondência entre Portugal e o Brasil até aos anos 1970. Daniela utiliza desenho de observação e etnografia para estudar objectos em viagem nas bagagens de portugueses que habitam o Rio de Janeiro desde as primeiras décadas de 2000. Ao seguir uma estratégia de pensar através do fazer, os *corpus* de cada pesquisa foram manuseados através de práticas poéticas, deslocalizados e ressemantizados, sendo assim associados a outros objectos, discursos, acções e imagens. Momento charneira entre o fechamento do terreno e a análise dos dados acumulados, *coisas de lá...* correspondeu a uma primeira organização dos itens colectados através da sua recolocação em mesas de montagem, enquanto dispositivos visuais múltiplos. Nesta comunicação, gostaríamos de realçar as possibilidades de análise que emergiram no processo de montagem e no decurso da exposição. Pretendemos reflectir sobre a potencialidade deste dispositivo instigar uma proliferação de outras leituras e associações entre os objectos analisados, por vezes inacessíveis através de um discurso linear narrativo.

Ana Gandum (n. 1983, Évora) Vive actualmente entre o Rio de Janeiro e Lisboa onde frequenta o Doutoramento em Estudos Artísticos – Arte e Mediações da Universidade Nova de Lisboa – FCSH, sob orientação da Professora Margarida Medeiros e com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia. A partir do Rio de Janeiro, Ana Gandum pesquisa fotografias de migrantes portugueses no Brasil, em fundos familiares e arquivos institucionais, sob co-orientação de Maurício Lissovsky da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO. Na sua pesquisa histórica e prática visual interessa-se essencialmente pela diversidade de práticas, discursos e técnicas da fotografia vernacular, e nos diferentes tipos de processos memoriais associados à fotografia enquanto medium. Licenciou-se em História (FCSH - UNL) em 2005 e em 2007 conclui um Master 2 em Histórias, Economias, Poderes e Saberes (Université Paris 8 - Saint-Denis). Trabalhos seleccionados: Antropologia da Face Saudosa, vídeo, em Museu Encantador de Rita Natálio (MAM, Rio de Janeiro 2014; Caixa Cultural, São Paulo 2015-2016); foto-FALA, instalação audiovisual com Inês Abreu e Silva (Belo Horizonte, 2012); documentário em vídeo G-L-Ó-R-I-A! (Praça da Alegria e Festival Panorama, Lisboa, 2013 e 2014). (Rio de Janeiro, 2014) e Caixa Cultural; Don't Hertz Me No More in Melhor Futuro 1.0 (Laboratório das Artes, Guimarães, 2012); F de Femmes (Elteatro,

Tunis, 2010), Que Pena? (Pavilhão 28, Lisboa, 2009)

Daniela Rodrigues (n. 1984, Lisboa) Licenciou-se em Antropologia (FCSH-UNL), com uma especialização no departamento de cinema na Universidade de Pécs, Hungria. Em 2012 concluiu o mestrado em Migrações, Intereticidades e Transnacionalismo (FCSH-UNL). Realizou trabalho de campo intensivo em contextos rurais e urbanos em Portugal, na Eslovénia e no Brasil. Participou em projectos multi-disciplinares com associações, cooperativas de consumo e produtoras de cinema documental. Paralelamente, formou-se em Desenho, participou em exposições colectivas e realizou publicações gráficas em suportes variados. Desde 2011 colabora com o CRIA e pertence ao NAVA – Núcleo de Antropologia Visual e da Arte, com quem fundou e organizou a FACA – Festa de Antropologia, Cinema e Arte em 2014. É doutoranda, com financiamento da FCT, em Políticas e Imagens da Cultura e da Museologia (FCSH - UNL) e tem em curso um trabalho de campo sobre migrações, circulação de objectos e processos de patrimonialização de cultura entre Lisboa e o Rio de Janeiro, em convénio com o Núcleo de Estudos Ritual, Etnografia e Sociabilidades Urbanas (IFICS-UFRJ). Actualmente vive, pesquisa e desenha no Rio de Janeiro, Brasil.

Ser realizador ou fazer antropologia ou ser antropólogo e fazer cinema?

Amaya Sumpsi

Partindo da experiência própria e refletindo na realização paralela da tese de doutoramento em Antropologia “Entre ilhas: etnografias da circulação nos Açores” e do documentário sobre o mesmo tema “Santorini Express”, pretende-se questionar as confluências do olhar antropológico e cineasta na procura do objeto (visual e teórico) e na sua construção. Tendo como base o texto de Raymond Madden “Being Ethnographic: A Guide to the Theory and Practice of Ethnography” (2010), discutir-se-á como é que os processos de trabalho que me levam da descoberta do tema à montagem do filme e à escrita da etnografia dialogam, apoiando-se um noutro. Recuando ao meu trabalho anterior, a realização do documentário “Meu pescador, meu velho” e a tese de mestrado em Antropologia Visual “Apanhados na Rede” quer se refletir sobre uma forma de trabalhar que se tem vindo a consolidar no meu percurso e que passa irremediavelmente pela percepção de que no meu trabalho a escrita etnográfica e a construção audiovisual funcionam como um só, sendo ambos modos de ser e de fazer complementários e indispensáveis até ao ponto de que sem um, o outro não existiria. Sem a antropologia, não faria (este) cinema; sem o cinema, não escreveria (esta) antropologia. Para ver um pequeno excerto do work in progress do meu próximo documentário “Santorini Express” : <https://vimeo.com/178212743>

Amaya Sumpsi iniciou os seus estudos em cinema na Universidade de São Francisco, U.S.F. (Califórnia) e continuou em Madrid, onde se licenciou em Realização de Cinema e Televisão pela Escuela Superior de Artes y Espectáculos. Em Espanha trabalhou em várias longa-metragens como assistente de realização, e depois de mudar-se a Portugal, iniciou os seus trabalhos na área de documentário com realizadores como Christine Reeh, Tiago Pereira ou Raquel Castro. Em 2012 termina o Mestrado em Antropologia e Culturas Visuais na Universidade Nova de Lisboa. A tese de mestrado ganha o prémio “Octávio Lixa Filgueiras” outorgado pelo Museu Marítimo de Ílhavo ao melhor trabalho em Estudos do Mar e o seu documentário “Meu pescador, meu velho” é selecionado para mais de 20 festivais de cinema nacionais e internacionais, tendo obtido o prémio “Camacho Costa” ao melhor documentário da lusofonia no Cine Eco 2013. Actualmente é aluna de Doutoramento de Antropologia na FCSH-UNL, com a tese “Entre ilhas: etnografias da circulação nos Açores” e prepara o próximo documentário, “Santorini Express”. É investigadora pertencente ao Núcleo de Antropologia Visual e Artes (NAVA) e colabora na programação de cinema para a Festa de Antropologia, Cinema e Arte de Lisboa (FACA) desde a sua primeira edição, em 2014.

Biblioteca \\ Paineil 4: Para pensar o Antropoceno

(lotação limitada a 60 lugares)

Moderadora: Marta Lança

Memória e esquecimento no trabalho de Nuno Vicente

Patrícia Rosas Prior

Partindo da exposição *Pensar o Côa*: invenção de uma escrita, escultura e ações efêmeras do artista Nuno Vicente, realizada no Museu do Côa, de 22 novembro 2015 a 31 janeiro 2016, esta proposta procura apresentar a multiplicidade de ligações no trabalho do artista entre o tempo, o espaço e o meio. Uma reflexão sobre a memória e o esquecimento, temas desta exposição, permitiram o interesse na perpetuação do passado ou de uma memória preservada na natureza, em contínuos processos de devir, numa complexa rede de relações físicas e sociais. A época atual é marcada por uma existência em que a memória perdeu o seu fôlego. Esta mostra refletiu precisamente um reavivar do pensamento simbólico e destaca a ideia de deslocamento, que já foi uma linha trabalhada pelos artistas da Land Art, e que Nuno Vicente homenageia, referindo-se a uma época em que plantas e animais e um interesse próximo com a ecologia se intensificaram na prática artística. A relação do artista com a Natureza e a Paisagem, numa espécie de regresso a um passado longínquo que esta região do país permite pela sua riqueza e pela abundante e rica dimensão pré-histórica, reflete sobre o que permaneceu escondido no Vale, o esquecimento dos objetos que pertenceram a um tempo antigo e que ficaram latentes na terra, trespassando um tempo para integrar um outro que são vistos pelo artista como um depósito de várias épocas e sedimentos, quer de homens, de culturas, animais ou mesmo de plantas que já não existem.

Patrícia Rosas Prior. Trabalha desde 2005 no Museu Calouste Gulbenkian/Coleção Moderna e atualmente é Curadora e Conservadora da Coleção Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi coordenadora executiva do primeiro catálogo raisonné digital em Portugal, dedicado ao pintor António Dacosta, publicado em Outubro de 2014. Co-curadora de várias exposições na Fundação Gulbenkian destacam-se *Linhas do Tempo. As Coleções Gulbenkian. Caminhos Contemporâneos* (2016); *As Casas na Coleção do CAM* (2015); *Salette Tavares: Poesia Espacial* (2014); *Homenagem a Julio* (2013). É doutoranda no curso de Estudos Artísticos – Arte e Mediações da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde também concluiu o Mestrado em História da Arte Contemporânea, intitulado *Espaço, Corpo, Gesto: três filmes experimentais da década de 70 de artistas plásticos portugueses*. Participou, em 2013, numa residência de curadoria internacional em Berlim, no Node Center for Curatorial Studies, com a duração de três meses, e tem colaborado em revistas online ou impressas, publicando artigos e textos sobre arte contemporânea.

Desvios e contágios entre o campo antropológico e o campo artístico: cinema indígena e antropologia ameríndia nos tempos do Antropoceno.

Rita Natálio

Nesta apresentação, partilharemos um recorte da pesquisa de doutoramento em curso intitulada “Antropoceno ou Capitaloceno? - Crise climática e produção artística”, onde se trata de aproximar os mais recentes estudos e debates sobre as velozes transformações climáticas do século XXI de uma reflexão sobre linguagens artísticas e produção de conhecimento, tendo como objetivo principal repensar a relação entre os conceitos de natureza e de humanidade. Dentro deste contexto teórico mais amplo, mostraremos como a literatura antropológica sul-americana e alguma arte indígena, ou com temáticas indígenas, particularmente o projeto de cinema indígena “Vídeo nas Aldeias” e a obra já paradigmática de uma certa antropologia experimental “A queda do céu” de Davi Kopenawa e Bruce Albert, nos permitem refletir sobre um modelo de “natureza” na visão ameríndia que, atualmente, redimensiona a discussão dentro das ciências humanas sobre o Antropoceno, ao mesmo tempo que influencia diretamente o trabalho de artistas e curadores contemporâneos. Tentaremos assim pensar o desvio e o contágio entre o campo antropológico e campo artístico, fugindo à moral disciplinar entre o que seria o artista antropólogo ou o antropólogo artista. No seguimento desta proposta, faremos ainda um recorte de obras de arte contemporâneas que apontam para relações possíveis entre arte, antropologia e Antropoceno, com um foco privilegiado sobre a América do Sul e a influência do pensamento indígena sobre a sua produção.

Rita Natálio. Nasceu em Lisboa em 1983 e vive entre Lisboa e São Paulo desde 2012. Doutoranda em Estudos Artísticos: Arte e Mediações na FCSH-UNL e Antropologia na Universidade de São Paulo/Brasil.

Estudou Artes do Espetáculo Coreográfico na Universidade de Paris VIII. É mestre pelo Núcleo de Subjetividade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2015). A sua atividade principal tem-se centrado na área da escrita e da performance, muitas vezes em contextos de artes visuais ou espaços não teatrais. Busca articular a criação de espetáculos com os seus estudos académicos, tendo publicado vários textos e artigos em revistas e organizado palestras sobre a sua pesquisa teórica em diversos contextos. Entre os seus trabalhos destaca, "Nada do que dissemos até agora teve a ver comigo" (Serralves, 2009), "Não se vê que sou eu mas é um retrato" (Temps d'Images/Culturgest, 2011) e "Não entendo e tenho medo de entender, o mundo assusta-me com os seus planetas e baratas" (São Luiz, 2012). MUSEU ENCANTADOR é o seu quarto projeto de criação que recebeu o Prémio Redes Artes Visuais 10ª Edição da Funarte e que contou com a participação de um grupo alargado de artistas portugueses e brasileiros, explorando o âmbito da memória pós-colonial.

Performative Arts and Design Anthropology in Give a Shit project

Laura Korčulanin

The following work base its presentation on ethnography research related to toilet taboo issues, culminated in applied results within project Give a Shit. The GIVE A SHIT is envisaged as a multidimensional interdisciplinary awareness-raising project consisted of educational, interventional and artistic part questioning and stimulating public awareness on taboo issues related to toilets, speaking about the precious value we waste every time we visit our toilets; drinkable water and renewable energy source. Project uses impactful interactive actions and different creative performative art narratives to construct dialog between obtained ethnographic results and society. Artivism and design anthropology are in case of Give a Shit, methodologies being used to empower the society for an upcoming change. Project is going to present different Steps being held and already executed in public space of different places with help of artistic approach; 1 st Step to Give a Proper Shit and 2 nd Step to Give a Proper Shit.

Laura Korčulanin is Slovenian and Croatian ethnologist and anthropologist based in Lisbon and is currently a Phd candidate of Design course at IADE - u, Laureate University. She is the lecturer of Creativity and Innovation, Design Sociology and Studies of the consumer at IADE and researcher at department of Collaborative Research for Design and Sustainable Innovation - ID:Co.Lab, UNIDCOM/IADE. Laura is also a member and external collaborator of Sustainable Energy Youth Network (SEYN). On the other hand Laura is a performative artist and activist in the last few years actively working on an international project Give a Shit related to toilet issues whom she is the core founder. She is selected artist in residency in New York in August 2017, of Ministry of Culture in Slovenia where she is going to perform Give a Shit project in public toilets in New York.

16.30 Auditório \\ Painel 5: Construção do Arquivo e Auto-arquivo

Moderadora: Joana Miguel Almeida

“Café Luanda”: Recriação de imagens dos jornais como criação de novas imagens-comentário (ou uma crítica cultural no quotidiano banal)

Miguel Vale de Almeida

Série de mais de 200 fotos tiradas ao longo de meses à mesa do pequeno-almoço num café de Alvalade com o mesmo nome. Com o i-phone na mão, um jornal diário à frente, e os objetos banais da refeição (o copo de sumo de laranja, a chávena de café, a colher, o copo de água, o guardanapo - e também objetos como moedas, maços de tabaco ou isqueiros), fui procedendo a composições. Nestas, a fotografia ilustrativa de uma notícia é transformada pela sobreposição daqueles objetos e de novo fotografada - criando um comentário visual de natureza política ou de crítica cultural. Naturalmente, o olhar e o treino antropológicos informaram as composições, da seleção da foto/notícia à seleção da sua divulgação como forma de crónica autónoma. Foram publicadas no meu mural do Facebook, estão reunidas em galerias no meu site (miguelvaleddealmeida.net) e uma seleção-composição das mesmas foi exposta na última edição do “Paratíssima Lisboa”. Pretendo agora um exercício mais reflexivo sobre as mesmas, a partir de

apresentação de algumas dezenas de slides, focando no interface desafiador que tem caracterizado a minha participação no espaço público português: entre crítica cultural antropológica, intervenção política e de opinião, e tentativas de criação artística.

Miguel Vale de Almeida nasceu em Lisboa em 1960. Doutorado em Antropologia, é professor associado no ISCTE-IUL e investigador do CRIA, onde dirigiu, até 2015, a revista “Etnográfica”. A sua pesquisa – com trabalho de campo em Portugal, Brasil, Espanha - tem versado questões de género e sexualidade, bem como etnicidade e “raça”. Tem vários livros publicados em Portugal e no estrangeiro, destacando-se “Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade” e “Um Mar da Cor da Terra: ‘Raça’, Cultura e Política da Identidade”, sendo o mais recente “A Chave do Armário. Homossexualidade, casamento, família” (Imprensa de Ciências Sociais, 2009). Além de cronista, escritor e blogger, tem sido activista dos direitos LGBT e foi eleito Deputado à Assembleia da República em 2009, tendo estado envolvido na aprovação do casamento igualitário. Neste momento prossegue um novo projeto de investigação sobre brasileiros em Israel/Palestina, circulação, estado e identidades.

Desenho e autoetnografia em "DicionáriosDeArtista"

Filipa Pontes

A comunicação propõe dar a conhecer novas perspectivas sobre o desenho contemporâneo, analisando a prática do desenho na sua relação com processos autoetnográficos dentro do contexto de produção artística. Tem como base a pesquisa teórico-prática sobre a relação entre desenho, autoetnografia e livro de artista que está a ser realizada dentro do programa de doutoramento em Belas Artes na especialidade em Desenho, apresentando, a partir das principais linhas da investigação, uma abordagem relacionada sobretudo com a especificidade do desenho na intersecção com o campo da autoetnografia, no qual se tomam de empréstimo algumas ferramentas da antropologia. Através da apresentação visual e contextualização do projecto artístico DicionáriosDeArtista (a componente prática da investigação), será analisado o conceito de autoetnografia a partir da perspectiva de Mary Louise Pratt sobre a “arte das zonas de contacto” vinculado à ideia de “experiência do lugar”, a qual será também explorada e discutida partindo das contribuições de Lucy Lippard sobre a relação entre lugar e identidade, e dentro das problemáticas da arte site-specific contemporânea analisadas sob a perspectiva de Mivow Kwon. O desenho pensado como tradução gráfica de ideias e pensamentos, é neste enquadramento assumido como linguagem para interpretação das experiências vividas na sua dimensão pessoal, social, cultural e política, funcionando como um pensamento-em-prática partindo de uma experiência singular de observação do mundo, tendo como base as perspectivas de John Berger, Michael Taussig e Lynn Imperatore.

Filipa Pontes nasceu no Alentejo (Beja) em 1978. Estudou Design Gráfico na ESAD Caldas da Rainha e fez pós-graduação em Ilustração Criativa na EINA em Barcelona. Colaborou com instituições relacionadas com arte, cultura e educação em Portugal, Espanha, Brasil Moçambique e recentemente China, onde participou e dirigiu projectos e formações em desenho, ilustração e arte contemporânea. Actualmente está a frequentar o 3º ano do doutoramento em Belas Artes/Desenho na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, vive e trabalha em Caldas da Rainha. O seu trabalho artístico pode ser visitado em filipapontes.blogspot.pt

O Carnaval é um palco, A Ilha uma Festa: da performance cultural à exposição da sua metaperformance videográfica

Rui Mourão

Neste artigo aborda-se o património cultural imaterial como performance e as suas representações em museu etnográfico como metaperformance, dando especial enfoque à necessidade do uso de imagens em movimento, segundo práticas videográficas simultaneamente artísticas e documentais, para apresentação expositiva de conteúdos antropológicos. Inicialmente apresenta-se uma argumentação mais teórica sobre a importância do recurso a materiais visuais para representar elementos culturais igualmente visuais, particularmente quando se trata de linguagem não- verbal. Denotativamente essa reflexão é aplicada no caso concreto da exposição

O Carnaval É Um Palco, A Ilha Uma Festa, que retrata as Danças de Carnaval da Terceira a partir de uma videoinstalação multicanal que esteve patente no Museu Nacional de Etnologia (Lisboa), no Museu de Angra do Heroísmo (ilha Terceira) e no Espaço do Conhecimento – Museu da Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, Brasil).

Rui Mourão (1977, Lisboa) é artista visual. Estudou Artes (UAB, Barcelona; CECC, Barcelona; Maumaus, Lisboa; Malmö Art Academy, Malmö-Suécia). Pós-graduação em Culturas Visuais Digitais e Mestrado em Antropologia (ambos no ISCTE, Lisboa). Doutorando em Estudos Artísticos (FCSH-Nova). Faz videoarte e por vezes performance. Foi selecionado para: Jovens Criadores - secção Vídeo (2006 e 2007); LOOP - The Video Art Festival, Barcelona (2007 e 2008); Anteciparte - "Uma seleção da mais jovem expressão artística nacional" (2009); e FUSO - Anual de Vídeo Arte Internacional de Lisboa (recebendo o Prémio do Público no Museu Berardo, 2010). Realizou um filme, estreado na Cinemateca Portuguesa e nomeado para melhor documentário no Festival de Cinema *QueerLisboa* 2013. Fez várias residências artísticas, colaborações (ex: para Erwin Wurm no Malmö Konstmuseum e para Coco Fusco no MACBA – Museu d'Art Contemporani de Barcelona) e comunicações em conferências, simpósios, congressos e seminários. Escreveu o livro *Ensaio de Artivismo - Vídeo e Performance* (2014) e vários artigos académicos. Fez mais de 50 exposições em 16 países (ex: Spaces, Cleveland; Iklectik Art-Lab, Londres; MNAC - Museu do Chiado, Lisboa; Palazzo Albrizzi, Veneza; Museu Nacional de Etnologia, Lisboa; Centro Nacional Artes Contemporâneas, Moscovo; Museu Berardo, Lisboa; Künstlerhaus Bethanien, Berlim; etc).

Bela

Tatiana Macedo

Decorrente da imigração dos meus avós para Angola, oriundos de Trás-os-Montes, o meu pai e os seus irmãos cresceram em Luanda, o meu pai casou-se com a minha mãe (Angolana) e lá permaneceram até 1981, altura em que regressaram a Portugal. Na minha mais recente exposição, realizada em Berlim em Outubro de 2016 e intitulada *Bela*, retrabalhei um 'álbum fotográfico' pertencente à minha tia Isabel (o seu diminutivo é *Bela*), que é composto por retratos impressos dela própria, captados por um fotógrafo profissional Angolano, seu amigo, em Luanda, nos anos de 1973 e 1974. Estes retratos denotam um fascínio especial do fotógrafo pela sua 'musa'. Depois de várias tentativas falhadas de trabalhar com este arquivo, decidi libertar as fotografias impressas do seu envelhecimento: no processo de digitalização e pós-produção 'apaguei' as áreas danificadas e amarelecidas das imagens, criando um hiatus temporal entre o momento em que foram captadas, e o momento presente desta exibição. Ampliei as imagens (por mim re-trabalhadas) em grande escala, e tornei-as instalação/escultura, dispostas em plataformas de madeira alicerçadas em garrafas de Afri-Cola. A grande escala impede o espectador de ter uma distância suficiente para consumir estas imagens de uma só vez. A Afri-Cola é uma bebida de origem alemã, registada em Colónia em 1931, que teve o seu auge comercial no pós-Guerra. Esta referência adquire um tom irónico, quando pensamos nas imagens publicitárias de culto desta bebida, nomeadamente nas décadas dos finais de 60 e inícios de 1970, que exploram o cliché exótico da palmeira e da imagem de África associada à emancipação do corpo. A instalação vídeo que integra a exposição, parte da óbvia justaposição entre sujeito e paisagem nesta coleção de retratos, fazendo zoom no elemento onde o corpo está fisicamente em contacto com a 'paisagem'.

Tatiana Macedo Currently living between Berlin and Lisbon, holds an MA in Visual Anthropology, FCSH New University of Lisbon (2012) and a BA in Fine Arts, Central St Martins College of Art & Design (London, 2004). In 2015 Macedo won the first Sonae Media Art Award, one of the most prestigious art awards in Portugal. She works mainly with photography and film and their expanded forms. Her first film *Seems So Long Ago, Nancy* (2012) was shot entirely at Tate Britain and Tate Modern, London. The film was exhibited in international film festivals and art galleries including DocLisboa (2012), the Stedelijk Museum Bureau (Amsterdam, 2012) and Tate Britain (London 2012/13). It won the First SAW Film Prize by the American Anthropological Association - AAA (Washington-DC, 2014). Recent solo shows include *Bela* at Künstlerhaus Bethanien, Berlin (2016), *Orientalism and Reverse* at Kunstraum Botschaft, Berlin (2016), *Seems So Long Ago, Nancy* at Ano Zero – Coimbra Biennial of Contemporary Art (2015), *Foreign Grey at Solar* – Cinematic Art Gallery (Vila do Conde, 2014), *Staff Only* at MNAC-MC, National Museum of Contemporary Art (Lisbon, 2013/14) and *Seems So Long Ago, Nancy* at Tegenboschvanvreden Gallery (Amsterdam, 2014). Recent group shows include Sonae Media Art Award at MNAC-MC National Museum of Contemporary Art (Lisbon, 2015/16). Macedo was an artist in residence at Künstlerhaus Bethanien, Berlin, for the year of 2016, supported with a grant from the Calouste Gulbenkian Foundation. Macedo is

often invited to present her work in Master Classes, Workshops and Symposiums nationally and internationally.

Todas as sinopses e biografias são da responsabilidade dos seus autores que optam livremente pela adesão ao acordo ortográfico.